

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

VITÓRIA LINHARES SILVA

CULTURA VISUAL E ENSINO DE ARTES VISUAIS: PROPOSTA  
EDUCATIVA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA  
INTERCULTURAL

GOIÂNIA, 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)\z

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Vitória Linhares Silva**

Título do trabalho: **CULTURA VISUAL E ENSINO DE ARTES VISUAIS: PROPOSTA EDUCATIVA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL**

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concordo com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vitória Linhares Silva, Usuário Externo**, em 28/02/2023, às 19:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3505334** e o código CRC **98F45D1D**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

VITÓRIA LINHARES SILVA

CULTURA VISUAL E ENSINO DE ARTES VISUAIS: PROPOSTA  
EDUCATIVA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA  
INTERCULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob orientação da Prof. Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral.

GOIÂNIA, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Vítória Linhares  
Cultura Visual e Ensino de Arte [manuscrito] : proposta educativa para Educação Infantil em uma perspectiva Intercultural / Vítória Linhares Silva. - 2023.  
LII, 52 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2023.

Bibliografia.  
Inclui lista de figuras.

1. Cultura Visual. 2. Ensino de Artes Visuais. 3. Interculturalidade. 4. Diferença. 5. Educação Infantil. I. Cabral, Valéria Fabiane Braga Ferreira, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 16 (dezesesseis) dias do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “CULTURA VISUAL E ENSINO DE ARTES VISUAIS: PROPOSTA EDUCATIVA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL”, de autoria de **Vitória Linhares Silva**, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Professora Doutora Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral – orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG) e Professora Doutora Noeli Batista dos Santos (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 16/05/2023, às 14:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 16/05/2023, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 10/03/2026, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3505329** e o código CRC **3443AF1D**.

## RESUMO

Essa pesquisa, orientada por referenciais bibliográficos, tem o propósito de desenvolver um diálogo com a cultura visual para potencializar um ensino de artes visuais em uma perspectiva Intercultural que busca aprendizagens sobre identidades e diferenças na educação infantil obtendo como artefato metodológico o filme “Como treinar o seu Dragão” (2010). O motivo dessa escolha tem origem nas minhas experiências na disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório I, realizado em 2018, no âmbito da Educação Infantil como estudante de Licenciatura em Artes Visuais e estagiária. Sendo que no decorrer da pesquisa percebo que minhas motivações neste Trabalho de Final de Curso (TCC) estão associadas às minhas inquietações de longa data. Como base nas estratégias metodológicas de pesquisa e de ensino, desenvolvo uma proposta educativa, sustentada pelo pensamento de Hernández e Ventura (1998) com o intuito de contribuir com a comunidade docente para um ensino de artes visuais em uma perspectiva intercultural.

**Palavras-chave:** Cultura Visual, Ensino de Artes Visuais, Interculturalidade, Diferença, Educação Infantil.

## ABSTRACT

This research, guided by bibliographic references, aims to develop a dialogue with Visual Culture to enhance Visual Arts teaching in an Intercultural perspective that seeks learning about identities and differences in early childhood education. The reason for this choice stems from my experiences in the subject of Mandatory Supervised Internship I, held in 2018, within the scope of Early Childhood Education as a student in Visual Arts and an intern. Since during the research I realize that my motivations in this Final Paper are associated with my long-standing concerns. Based on methodological research and teaching strategies, I develop an educational proposal, supported by the thinking of Hernández and Ventura (1998) with the aim of contributing to the teaching community for teaching visual arts in an intercultural perspective.

**Keywords:** Visual Culture, Visual Arts Teaching, Interculturality, Difference, Early Childhood Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 - Estranhamento Cultural.....	40
Figura 2 - Preconceito.....	41
Figura 3 -Conhecendo o diferente.....	42
Figura 4 - Aproximação.....	42
Figura 5 - Inter-relação.....	43
Figura 6 - Inter-relação.....	43

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. O MULTICULTURALISMO E O ENSINO INTERCULTURAL.....</b>	<b>13</b>
<b>2. DIFERENÇAS E SEU VÍNCULO COM AS IDENTIDADES.....</b>	<b>22</b>
<b>3. PERCEPÇÕES DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CULTURA VISUAL.....</b>	<b>28</b>
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E DE ENSINO.....</b>	<b>38</b>
<b>4.1 O filme: “Como treinar o seu dragão” como artefato metodológico de ensino.....</b>	<b>39</b>
<b>4.2 Uma proposta didático-pedagógica para o ensino de artes visuais.....</b>	<b>45</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

A mídia e a manipulação das imagens estão presentes no nosso cotidiano faz um longo tempo, mas a globalização, a tecnologia e a Internet foram potencializadoras para o bombardeamento de imagens que vivemos hoje. Depois de observar alguns dos meus trabalhos realizados nas disciplinas durante a minha trajetória dentro da Universidade, no curso de Licenciatura em Artes Visuais, foi possível perceber que sempre que alguma atividade era proposta para se pensar uma pesquisa eu acabava por me adentrar nos estudos da Cultura Visual.

Como dito anteriormente, vivemos sendo bombardeados por imagens, mas também por informações e discussões e, em alguns desses momentos de descanso na Internet, eu pude refletir sobre o porquê eu sempre pensava sobre os estudos das imagens e o combate às discriminações. As reflexões que apresento neste trabalho surgem de uma tentativa de colaborar com o fim dos preconceitos, uma visão um tanto quanto utópica, mas também contribuir com a diminuição de práticas dentro do contexto escolar que dão folego ou impulsionam a discriminação e o bullying, por meio das imagens e o uso das imagens como disparador de questionamentos em sala de aula.

O *bullying* surgiu de uma maneira complicada ao ponto de influenciar a minha vida pela primeira vez quando eu tinha 5 anos, em 2002. A década de 2000 foi marcada pela tendência, na moda, principalmente, de um padrão de beleza de quase extrema magreza, as roupas também eram bastante selecionadas para esse tipo de corpo. Então, algumas pessoas, mesmo que não fossem consideradas sobrepeso – nem por profissionais de saúde –, poderiam não se encaixar no padrão das modelos que apareciam nas revistas (que eram usadas em sala de aula para desenvolver atividades, ou as que ficavam expostas nos consultórios e nas bancas), nos *outdoors*, nas propagandas, nos desenhos, nos filmes etc. Essa época foi marcada também dentro da cultura pop, por atrizes e modelos, consideradas dentro do padrão da época (magras, brancas e loiras) por vários relatos de doenças relacionadas à saúde do corpo e da mente devido à pressão estética da época, que perdura até hoje.

Atualmente, podemos observar movimentos de *body positivity*, que mesmo passando por duras críticas, tem como linha de pensamento os questionamentos sobre como se desenvolvem discursos cotidianos negativos relacionados aos diferentes, ou fora do padrão, e a importância da representatividade nas mídias, principalmente para o público infantil. O que quero dizer é que quando olho para o passado vejo que as imagens, a mídia e o padrão da época fizeram um movimento de imposição em mim, e nas outras pessoas, de que nós éramos “menos” e por ser quem somos deveríamos ter vergonha. Mas, nós éramos apenas crianças. Agora, buscamos cuidar das feridas que esse passado marcou nas nossas crianças interiores, hoje como pessoas adultas.

As minhas motivações em meus processos formativos e os caminhos que tomei durante a minha graduação, olhando de onde estou para trás, pareceram um pouco sem rumo, “só por fazer”. Mas percebo hoje que minhas motivações neste Trabalho de Fim de Curso (TCC) estão associadas às minhas inquietações de longa data. As atividades acadêmicas no curso de graduação, as pesquisas realizadas, os estudos dirigidos, as perguntas fundamentadas foram os disparadores para buscar respostas para minha criança interior, com o intuito de curá-la.

A percepção dos/as educadores/as a respeito das possibilidades e da importância da utilização de imagens do cotidiano no processo educativo, através de uma abordagem da cultura visual, se faz extremamente necessário nos dias de hoje. A sua utilização se dá como estratégia pedagógica focada, principalmente, na percepção e influência das imagens midiáticas. Com relação aos materiais didáticos, as imagens presentes nestes materiais acabam não sendo utilizadas em todas as suas possibilidades, quer como facilitadoras e articuladoras de conhecimentos, ou como motivadoras para uma compreensão e desenvolvimento de um olhar crítico.

Durante o curso de graduação, compreendi que é preciso haver uma problematização dos conteúdos selecionados para a leitura crítica das/os estudantes. Além disso, reconhecer que a variedade de pensamentos, proporcionada pela apreciação coletiva de vastas imagens e artefatos pertencentes a uma determinada cultura visual, colabora com a compreensão sobre a importância do pensamento plural,

que abarque as diferenças. Essas atitudes ajudam a vislumbrar novos alicerces sobre os quais se pode construir uma escola mais democrática e mais inclusiva.

A cultura visual é um dos caminhos que mais se encaixa para reexaminar o papel das imagens na Educação. Fomentar essa discussão é primordial, uma vez que a sociedade está cada vez mais tecnológica e, dessa forma, as relações sociais têm sido mediadas majoritariamente por imagens, tornando-as essenciais, e, reflexos das múltiplas faces que compõem a coletividade.

A educação da Cultura Visual se desponta por possuir uma abordagem mais democrática e mais significativa para o ensino, de modo geral. Isto é, os estudos precisam passar a considerar não só as representações visuais em si, mas principalmente a visualidade, ou seja, a mediação cultural do olhar, que vem a transformar o simples ato de ver em visualidades que transmitem significados. A partir disso, as representações visuais começam a promover a igualdade entre as formas de relação entre os seres humanos e com as formas de socialização. Contudo, o que fica é a dúvida de como manejar as imagens através dos estudos da Cultura Visual. Como a Cultura Visual pode contribuir para potencializar o ensino de Artes Visuais na infância, na busca de aprendizagens sobre identidades e diferenças?

Com essa pesquisa busco compreender métodos para fomentar um diálogo através das imagens sobre identidades e diferenças para a Educação Infantil. Busco pesquisar e compreender formas de possíveis esclarecimentos acerca do que são as diferenças com o objetivo de promover aprendizagens e que contribua tanto para que mim, como futura professora, como para futuros/as professores/as de Artes Visuais, como deflagradora para um modo de trabalhar em sala de aula tendo como base um ensino de Artes Visuais e auxílio dos estudos da Cultura Visual.

O percurso da pesquisa procura apontar, na primeira seção com apoio de algumas referências bibliográficas, como percebo a denominação do termo multiculturalismo ou ensino multicultural. A intenção é promover reflexões sobre uma educação intercultural e como ela aparece em alguns documentos e leis que regem a educação para compreender uma maneira para abordar sobre identidades e diferenças na Educação Infantil.

Após a apresentação dessa discussão, procuro na segunda seção examinar as definições sobre identidade e diferença e as problemáticas que envolvem esse tema, como as reflexões sobre as influências das relações de poder nas suas significações, seu peso de caráter linguístico e cultural.

Com o objetivo de produzir narrativas didático-pedagógicas possíveis sobre a realidade das crianças da Educação Infantil, na terceira seção verificarei através da pesquisa bibliográfica materiais já publicados para ter uma ideia sobre como o público infantil lida com as imagens do cotidiano dentro da escola, aprofundando nos aspectos dos estudos da Cultura Visual no intuito compreender as aprendizagens quando se trata de um assunto mais próximo da vida das/os estudantes.

Ao final do texto, última seção, irei refletir sobre como é possível criar um diálogo com as crianças através de imagens apresentando uma proposta educativa que pode contribuir para as reflexões sobre identidades e diferenças na Educação Infantil.

## 1. O MULTICULTURALISMO E O ENSINO INTERCULTURAL

Em contato com o pensamento de bell hooks (2017), bibliografia indicada na disciplina de Estágio Supervisionado IV, durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais, inicia-se o meu interesse sobre diversidades dentro de sala de aula e é quando percebo como fui diretamente afetada pela falta de respeito à diversidade no ambiente escolar. Assim nasce uma reflexão sobre como seria uma perspectiva de ensino que pretende abranger os diversos códigos e grupos culturais. A visão da autora retrata como um ensino multicultural pode gerar aprendizagens a partir de um olhar crítico a respeito dos variados grupos preteridos. Aponta as dificuldades tanto no currículo quanto no receio das/os professoras/es em lidar com discussões que envolvem certos tipos de preconceitos no ambiente educacional. Nesse caso, a investigação que chamou o meu interesse está no capítulo “Abraçar a Mudança no livro Ensinando a Transgredir (2017)” e tem como foco questões sobre o racismo e feminismo. Estar em contato com essas considerações feitas por bell hooks fez com que surgisse o impulso de investigar mais sobre um ensino multicultural.

Nos Estados Unidos o termo multiculturalismo surgiu na educação como um movimento de reivindicação de grupos que são denominados como minorias e foi desenvolvido com o desejo de "consertar" as desigualdades presentes dentro dos âmbitos educacionais. Um currículo multiculturalista “liberal” ou “humanista” onde se é ensinado a respeitar e tolerar o que é “diferente”, mas sem parar para refletir as relações de poder dominantes que provém de quem cognomina esses grupos como “diferentes”.

[...] Da perspectiva mais crítica, entretanto, essas noções deixariam intactas as relações de poder que estão na base da produção da diferença. Apesar de seu impulso aparentemente generoso, a ideia de tolerância, por exemplo, implica também uma certa superioridade por parte de quem mostra “tolerância”. Por outro lado, a noção de “respeito” implica um certo essencialismo cultural, pelo qual as diferenças culturais são vistas como fixas, como já definitivamente estabelecido, restando apenas “respeitá-las”. (SILVA, 1999, p.88)

Assim, o multiculturalismo liberal não procura interferir ou discutir a raiz do problema. Não expõe a responsabilidade daqueles que dispõem dos meios para fazer uso das relações de poder com objetivo de reafirmar as diferenças, usando o ato da

“tolerância”, colocando-se em um lugar de superioridade com arrogância, e “respeito” como se as culturas não fossem híbridas e que sobrasse apenas superá-las.

Uma linha de pensamento nos Estados Unidos desenvolve uma forte crítica ao multiculturalismo pelos conservadores que alegam ser um movimento que vai contra os valores da família e valores cristãos. Tais declarações vêm tomando força nos últimos anos e fazem uso de discursos de valores, como máscara para seus preconceitos, para afirmar qual é o lugar que esses povos que se relacionam com culturas segregadas devem pertencer e investigam formas de dificultar a acessibilidade para uma factível ascensão.

Um ensino que apresenta as identidades e diferenças de forma reflexiva e crítica possibilita uma relação de reciprocidade entre os demais grupos. Essa relação não só contribuiria para uma aprendizagem na infância, mas também fortaleceria o pensamento, a longo prazo, de crianças que se tornariam adultos engajados politicamente e criticamente sobre as questões das desigualdades vigentes na sociedade, como as identidades e as diferenças. Entretanto, o que deve ficar claro é que são aqueles indivíduos que usufruem das relações de poder dominantes que alcunha os diferentes e os não-diferentes. Não quer dizer que as diferenças não existiriam se não fossem ditadas por esses, mas que são responsáveis pela forma depreciativa que são definidos esses grupos isolados e como são apresentados como inferiores.

No Brasil, o termo multiculturalidade ou ensino multicultural surgiu após os vocábulos “Pluralismo Cultural e Orientação Sexual” serem apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997 como Temas Transversais e foram desenvolvidos através dos pensamentos de Ana Mae Barbosa (1998) com base nas reflexões de Graham Chalmers. A autora Ana Mae Barbosa apresenta uma discussão com o PCN de 97/98 onde critica a base da sua criação pelo caráter colonialista atribuído por César Coll que foi responsável pelo planejamento dos parâmetros curriculares para todo o país. Por conseguinte, a autora faz considerações sobre o uso da triangulação no contexto na Educação Infantil, que consiste em uma proposta triangular para o ensino de Arte sistematizada por ela nos anos 80. Uma proposta que propõe três pilares para sua realização conhecidos por: história da arte ou

contextualização (apresentação do momento histórico, da sociedade da época, da cultura, da vida artista, do movimento artístico), leitura da obra (a apreciação, uma leitura estética da obra junto ao repertório das/os estudantes, a sua impressão, sensibilidade e percepção), e o fazer artístico (a presença das/os estudante artista, uma criação com uma influência estética sem se tornar uma cópia). Segundo a própria Ana Mae Barbosa não existe uma ordem para sua realização.

A autora Ana Mae Barbosa esclarece que não considera correta a utilização dessa triangulação, que está presente no PCN para 1 a 4 série do fundamental da forma como está proposta. Pois no currículo para o ensino de Arte aparece como um método de aprendizagem que consiste em expor as obras de arte apenas para “apreciação”, sendo que ela considera que a ação de refletir está designada a leitura da obra. A reflexão (contextualização) está também na leitura da obra e no fazer artístico. Segundo Ana Mae (1998, p.92), “[...] Insistir sem destacá-la seria subscrever a estética escolástica, que desprezava a arte "interessada" no social e temia o apelo aos sentidos”. É perceptível na apresentação do PCN de Arte, o multiculturalismo liberal pela sua criação de caráter colonialista e como até hoje existe uma luta para desvincular essa imagem do ensino de Arte como mero deslumbramento e cópia. Um ensino que não busca considerar pensamentos críticos sobre a sociedade e como isso também afetou o Ensino Infantil.

Assim, o que era conhecido como multiculturalismo liberal é apresentado por Ana Mae como multiculturalismo aditivo, que é bastante visto em salas de aulas, principalmente na fase da infância, que se baseia em apresentar várias culturas, subculturas e identidades no currículo sem qualquer aprofundamento. Como por exemplo, a comemoração do Dia dos Povos Indígenas onde as/os estudantes se caracterizam de forma estereotipada, ajudando a firmar significados de que só existe uma imagem para representação dos povos indígenas e a sua cultura. Portanto, qual seria o suporte norteador para recém-formadas/os em Artes Visuais que buscam expor um pensamento reflexivo sobre identidade e diferença na Educação Infantil?

As minhas buscas e reflexões voltadas para a Educação Infantil surgem em decorrência de dois momentos da minha vida que me marcaram, um de forma positiva e outro de maneira negativa. Como momento positivo foi minha primeira experiência no

Estágio Supervisionado I que foi aplicado pela Profa. Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, onde eu decidi vivenciar a Educação Infantil, mesmo que por um breve período. Observar o crescimento das crianças e perceber como elas são capazes de desenvolver o que está sendo solicitado com o devido auxílio e paciência me fez mudar muito minha percepção sobre a infância e por consequência o ensino de Arte para crianças. Percebi que eu tinha muitos preconceitos relacionados a maneira como eu imaginava ser o desenvolvimento das aulas e ao comportamento das crianças em relação a realização das atividades de Artes Visuais, mas que após essa experiência alguns preconceitos ficaram pelo caminho.

Pensar sobre a Educação Infantil é muito desafiador por se tratar de um momento na vida do ser humano que é muito sensível, onde o cotidiano é pautado por aprendizagens. Mas considero importante, de forma individual, poder contribuir de alguma maneira para que situações desconfortáveis como a que eu vivi ainda na posição como estudante não sejam tão recorrentes. Ao lembrar como foi minha experiência na Educação Infantil consigo perceber como esse meu interesse se estendeu até o fim da minha graduação, e por isso penso que persistir nessa direção indica o quanto essa faixa etária foi marcante para mim. Quando penso em uma Educação Intercultural que abordará sobre identidade e diferença na infância acredito que pode ser benéfico não só na infância, mas para as próximas etapas da vida.

Quando pequena eu tive que conviver com o *bullying* desde os meus 5 anos, talvez até um pouco antes, todavia foi nessa idade que uma outra criança foi tão insistente no *bullying* comigo que a única solução que os adultos encontraram foi retirá-la da instituição de ensino. Hoje compreendo que nessa faixa etária é comum que as crianças reproduzam aquilo que elas escutam e veem no seu ambiente familiar. A respeito desse comportamento as instituições de ensino não têm controle, mas a escola pode trabalhar construindo reflexões com os/as estudantes para que haja uma possível mudança.

No mais recente documento normativo que é a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) o tema sobre igualdade, diversidade e equidade é tratado de forma discreta e romantizada, colocando como responsabilidade das redes de ensino o dever de

construir o currículo e como elaborar propostas pedagógicas que abarque as especificidades e necessidades das/os estudantes.

São amplamente conhecidas as enormes desigualdades entre os grupos de estudantes definidos por raça, sexo e condição socioeconômica de suas famílias. Diante desse quadro, as decisões curriculares e didático-pedagógicas das Secretarias de Educação, o planejamento do trabalho anual das instituições escolares e as rotinas e os eventos do cotidiano escolar devem levar em consideração a necessidade de superação dessas desigualdades. Para isso, os sistemas e redes de ensino e as instituições escolares devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes. (BRASIL, 2018, p.15)

Contudo, o DCGO<sup>1</sup> (Documentos Curriculares para Goiás) tenta minimizar os impactos sobre as questões multiculturais levando em consideração a contextualização de cada estado perante a BNCC. É possível encontrar no portal online do Ministério da Educação (MEC) o acesso ao documento dos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2018). Esse documento tem a intenção de orientar o sistema de ensino como um todo, da/o professora/o até a/o gestora/o, por exemplo, e o que deve ser feito para uma educação de qualidade na infância. Isto posto, novamente, as/os professoras/es ficam encarregadas/os não só de propor atividades, orientar e desenvolvê-las, mas também ficam responsáveis em se adaptar e compreender as diferenças. Muitas vezes essa adaptação acontece sem uma base bibliográfica ou de formação que o/a ajude a apresentar um trabalho reflexivo, para que não sejam expostas uma visão romântica e um pensamento trivial.

Considero muito difícil encontrar leituras que possam auxiliar as/os professoras/es para realizar propostas pedagógicas que dialoguem de modo reflexivo sobre identidades e diferenças com as crianças, pois como mencionado anteriormente, percebo que existe um certo medo de expor e desenvolver atividades pedagógicas sobre essa pauta com essa faixa etária mesmo que presente em leis como obrigatório o ensino de temas inclusivos como a Lei nº 11.645<sup>2</sup> de 10 de março de 2008 art. 26-A

---

<sup>1</sup> VI. Educação Goiana: Temas contemporâneos e Diversidade.

<sup>2</sup> Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

e a Lei 13.146<sup>3</sup> de 6 de julho de 2015. E se não for de interesse das/os professoras/es é provável que o tema não seja apresentado ou até pode ser, mas de forma superficial e pode acabar caindo em estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, é necessário que ocorra uma mudança na forma de pensar as identidades e diferenças quando se trata de ensino, principalmente na área das Artes Visuais, isto é, a Arte sendo entendida também como forma de expressão e manifestação de culturas, povos, rituais de fé ou resistência.

Apesar do multiculturalismo estar presente em debates, principalmente na área da Educação, sinto falta de discussões em torno de abordagens educativas pautadas na inclusão de identidades e diferenças, pois é visível que as práticas dentro das instituições de ensino precisam mudar. Afinal, aprendemos na graduação que não existe uma só maneira de ensinar e aprender, por isso é compreensível que as/os professoras/es necessitam introduzir mudanças nas abordagens metodológicas de ensino e aprendizagem. Também deve-se pensar na mudança do comportamento dos próprios professores/as, para que elas/es possam ter espaço para expressar e refletir sobre seus medos. Para que possam acolher grupos de estudantes que pouco se expressam e não são representados em sala de aula, fazendo com que eles/as se sintam confortáveis para falar e questionar. Cada professor/a precisa aprender a ouvir questionamentos, e assim, praticar realmente o que ouvimos incansavelmente no decorrer da graduação: mediar e trocar saberes sem hierarquia.

Buscando compreender uma maneira para abordar sobre identidades e diferenças na Educação Infantil, parto do entendimento que as culturas são híbridas, e que seus conceitos, saberes e ensinamentos não devem passar por juízo de valor. Nos trânsitos entre os vários conceitos sobre multiculturalidade cheguei até o termo interculturalidade, em contato com a autora Ivone Richter (2000), ou ensino intercultural, que vem sendo mais utilizado na área de arte/educação. Segundo a autora, a interculturalidade é um termo “[...] que implica uma inter-relação de reciprocidade entre culturas [...]” (RICHTER, 2000, p.6). Sendo assim, o termo interculturalidade é a forma mais assertiva quando se trata do ensino na área das Artes

---

<sup>3</sup> É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Visuais com o desígnio em suceder uma correlação entre diferentes códigos e grupos (RICHTER, 2000).

O pensamento de Richter sobre um ensino intercultural é embasado por várias/os autoras/es, entre elas/es está Vera Candau (2011) que descreve o que seria para ela um ensino intercultural e nos afirma que esse método investiga a necessidade de uma relação entre as culturas, identidades e diferenças dentro da sociedade ou, para educação, do âmbito educacional e entende que as culturas estão se (re) construindo a todo o momento.

As culturas com suas identidades e diferenças estão o tempo todo se modificando. Essa movimentação faz parte de cada percurso e do desenvolvimento de cada história. As culturas que não fazem parte da hegemonia no decorrer de sua história, passam por momentos conflituosos marcados principalmente pela tentativa de buscar uma representação dentro de ambientes historicamente e massivamente ocupados por povos participantes das culturas hegemônicas dentro das relações de poder. Buscam a possibilidade de se expressar fora das culturas hegemônicas para manifestar performances ligadas à sua cultura sem sofrer perseguições. Por exemplo, através da fé e dos seus simbolismos, pois acredito ser um dos principais temas ligada às culturas, sendo que quando localizadas fora do contexto das culturas hegemônicas, sofrem represálias pela história conflituosa, impositiva e genocida marcada pelo cristianismo.

Frente a globalização e a tecnologia, as lutas na busca por equidade, respeito e alteridade, são grifadas por esses “momentos conflituosos” que não podem ser negligenciados pelo seu valor histórico-cultural. Em um ensino multicultural “liberal” ou “aditivo” se apresenta de forma deliberada uma cultura ou identidade, assim como em uma proposta intercultural, as culturas são apresentadas e interagem de maneira intencional e planejada. A diferença é que em uma proposta multicultural “liberal” não está presente uma reflexão sobre o passado, o mundo contemporâneo, o lado crítico e político.

As relações de poder são estabelecidas por indivíduos que compõem grupos culturalmente pertencentes a hegemonia e a burguesia como foi dito anteriormente, que promovem preconceitos e se colocam presentes em todas as culturas, alimentando

assim, a reprodução de discriminação entre as culturas da minoria. Eu pude presenciar algumas mudanças de hábitos cotidianos sobre grupos marginalizados historicamente pela cultura hegemônica, por exemplo, o que alguns chamam de “politicamente correto”. Compreendo como um movimento que além de promover um processo linguístico e discursivo, tenta proporcionar a conscientização e preencher algumas lacunas que os estereótipos enraizaram no nosso cotidiano.

O ensino intercultural abre espaço para questionamentos dos discursos rasos, com concepções e estereótipos, buscando expor tensões dessa construção histórica. Tecendo reflexões sobre quem classifica esses grupos e os coloca em posição emergente, fomentando debates na perspectiva de aguçar o pensamento crítico das/os estudantes. Um ensino que considera o diálogo pode auxiliar em uma relação recíproca entre as culturas e proporcionar troca entre os seus saberes e conhecimentos.

[...] Neste sentido, a perspectiva intercultural procura estimular o diálogo entre os diferentes saberes e conhecimentos, trabalha a tensão entre universalismo e relativismo no plano epistemológico e ético, assumindo as tensões e conflitos que emergem deste debate. (CANDAU, 2011, p. 247).

Assim, o ensino em um cenário intercultural segue pelo caminho onde entende-se que as culturas são híbridas como afirma Candau (2011). Seu caráter de metamorfose se dá também pelo fato de que as culturas e os seus sujeitos estão realizando descobertas, conhecendo suas histórias e lugares relacionados a seus grupos e que durante o desdobramento da história foi suprimido o protagonismo de alguns sujeitos, não valorizando quem são, de onde vieram. Essas reflexões podem causar mudanças no ensino que tem potencial para reverberar no cotidiano, nas relações políticas e sociais, como a busca por representatividade, por exemplo, que está na minha proposta com essa pesquisa. Ao reforçar os conflitos de culturas segregadas as/os professoras/es devem ter cautela para não focar somente nos atritos e não resumir cada cultura apenas às suas dificuldades.

Durante anos, antes da globalização e o compartilhamento desenfreado de imagens por todo o mundo via *Internet*, víamos o mundo e as outras culturas através das mídias eurocentristas. Povos de outras culturas foram apresentados através de imagens geralmente relacionadas a guerra, a pobreza, a fome e abandono. Essas

imagens não só ajudaram a arraigar ideias preconceituosas sobre o continente da África, por exemplo, mas também contribuíram para reforçar a ideia de como os continentes colonizadores são mais evoluídos e desenvolvidos. Colocando sua cultura e identidade como bem-vista e o modo de viver dentro dela como normal ou “como é assim que deve ser”. A classificação é um movimento que surge após uma cultura apontar constantemente e somente as diferenças de outra. No fim das contas a classificação é fundamentalmente etiquetar o que é “bom” e o que é “ruim”.

A cultura provém do nosso modo de viver, de como vemos o mundo e como lidamos com o outro, como nos vemos e como vemos os outros, e é necessário através dela aprender sobre os valores do outro, reforçar uma relação de reciprocidade entre os demais, torna as aprendizagens possíveis já que o indivíduo se desenvolve por meio das relações sociais e culturais. Segundo Richter (2000 p.4) “[...] atualmente, a cultura vem sendo entendida como um código simbólico, que possui dinâmica e coerência internas [...]”.

É importante esclarecer que essa pesquisa não trará como foco movimentos sociais como o feminismo, o movimento LGBTQIA+, o movimento antirracista e tantos outros, tanto pela possibilidade do tempo de pesquisa, quanto pela faixa etária. O que busco é apresentar para o Educação Infantil uma maneira de manifestar temas como identidade e diferença, através de uma relação recíproca entre as diversas culturas buscando apoio na Cultura Visual. Exercitar essas questões de uma forma mais lúdica e reflexiva. Para que processualmente, pensando em uma aprendizagem continuada, o/a estudante chegue ao ensino fundamental e médio com respeito às identidades e diferenças e que isso possa ser trabalhado de forma ainda mais pontual e crítica.

## 2. DIFERENÇAS E SEU VÍNCULO COM AS IDENTIDADES

No decorrer das nossas vidas podemos observar que o cotidiano está envolvido por relações sociais e a comunicação pela fala, por exemplo, é uma das linguagens mais usadas entre os indivíduos, porém não é a única. A criança cria laços e vínculos com suas/seus cuidadoras/es e é como cada criança aprende alguns costumes e significados sobre o mundo relacionados a cultura que estão inseridos, aprendendo sobre o que não faz parte do seu contexto (a diferença). É no espaço escolar que algumas crianças têm contato com vários “outros” ou o “diferente”. Lembrando que elas/eles não são caixas vazias onde se coloca qualquer conduta ou pensamento, porém se o ambiente familiar exercita condutas de exclusão é provável que a criança repita o que aprendeu nas suas relações sociais fora do contexto escolar.

Com base no pensamento de Silva (2000) a diferença vem daquilo que não sou e a identidade daquilo que afirmo ser. Como identidade afirmo que sou “brasileira” e ao mesmo tempo que não sou “argentina”, por exemplo. Se o mundo fosse na sua totalidade homogêneo, não seria necessário afirmar uma identidade. As culturas praticam suas identidades e apresentam as diferenças através dos significados que empregam as palavras através do que Silva (2000) chama de diferenciação linguística.

[...] Como ato linguístico, a identidade e a diferença estão sujeitas a certas propriedades que caracterizam a linguagem em geral. Por exemplo, segundo o linguista suíço Ferdinand de Saussure, a linguagem é, fundamentalmente, um sistema de diferenças. (SILVA, 2000, p.78 *apud* SAUSSURE, 1916)

Assim como as culturas, a linguagem e as identidades também não são fixas, elas (identidades) precisam fazer sentido dentro do contexto (linguagem) em que forem inseridas devido às várias correntes linguísticas de diferenças para afirmar aquilo que não são. Silva (2000, p. 80) afirma que “[...] em suma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem [...]”. Como a cultura, a identidade e a diferença estão associados às relações de poder e a forma que os seus significados são impostos. Tão enraizadas são as percepções e as construções ao longo dos anos pelas relações de poder dominantes que Silva (2000) esclarece que se há identidade e diferença, então existe poder. Afinal a classificação, o

ato de listar as diferenças do outro, gera a separação das culturas, afirmando o que é “bom” e “ruim”, um ato relacionado ao poder.

Caso o trecho da fala seja abruptamente interrompido, nessa afirmação de Silva (2000), sobre a existência das relações de poder no contexto não só das identidades como também das diferenças, algum indivíduo pode porventura fragmentar uma afirmação e colocar em outro contexto para defender um ponto de vista dentro das relações de poder da cultura hegemônica, pode-se abrir um leque de interpretações. Como o uso de fragmentações para confirmar que existe uma base teórica para os pensamentos de que grupos rotulados como “diferente” buscam privilégios e não equidade.

São diálogos que nos deparamos no nosso cotidiano, que podem induzir as pessoas a produzir outros sentidos. Dado que as relações de poder da cultura hegemônica usualmente utilizadas por homens, brancos, burgueses, héteros e cristãos, criaram um senso comum não se colocando como mais uma identidade, mas como a única, como “normal”.

[...] Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas em forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. (SILVA, 2000, p.83)

Por isso volto ao ponto em que devemos nos atentar para criação de estratégias metodológicas onde as/os professoras/es possam realizar sua mediação com propósito de abordar temas sobre identidades e diferenças. Acredito que essa forma de aprendizagem, um ensino multicultural, afasta, reafirma “os normais” e o diferente fica exposto a juízos de valor, logo indo em direção a uma hierarquização muito sutil. É evidente que quando se trata das culturas, identidades e diferenças, mesmo que expostas lateralmente por sua natureza linguística, a estrutura dessas linhas de pensamento estão em diálogo com o instável, o híbrido. A propensão em conceber os conceitos de identidade e diferença como não fixos se coloca em comunicação com o que foi apresentado ao que se entende de cultura e o que procuro desenvolver a partir de uma proposta intercultural. Em uma perspectiva

[...] da teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre

diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. (SILVA, 2000, p.87)

Nesse sentido, as identidades que pertencem a esses grupos hegemônicos tendem a procurar estabelecer fixos signos, significados, características etc. Fixar e de alguma maneira "enrijecer" as características de uma identidade mantém a segregação, deixa os diferentes excluídos e por consequência esses grupos podem continuar usufruindo dos seus privilégios. Assim, Silva (2000, p.84) nos esclarece que “[...] A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido[...]”. É importante elucidar que é característica dos grupos que não se deleitam das relações de poder da cultura hegemônica, ou o que podemos chamar de “diferentes”, praticam hábitos de carácter híbrido, pois os grupos segregados ou classificados como “diferentes” são fruto dos conflitos gerados através da miscigenação, o hibridismo é uma característica da história cultural dos grupos emergentes que não foi feito de maneira pacífica, mesmo que forçados os grupos de “diferenças” tiveram que transitar dentro de outros terrenos de “diferença”.

[...] Os processos de hibridização analisados pela teoria cultural contemporânea nascem de relações conflituosas entre diferentes grupos nacionais, raciais ou étnicos. Eles estão ligados a histórias de ocupação, colonização e destruição. Trata-se, na maioria dos casos, de uma hibridização forçada. O que a teoria cultural ressalta é que, ao confundir a estabilidade e a fixação da identidade, a hibridização, de alguma forma, também afeta o poder. (SILVA, 2000, p.87)

Acredito que uma possível demonstração cotidiana de como a hibridização afetou algumas características em relação a grupos ligados às relações de poder é quando olhamos para o ponto de vista das religiões e dogmas. Apareceram no decorrer de alguns anos templos ligados ao cristianismo com um discurso bem mais flexível com a intenção de ser, ou parecer, mais inclusivo e atrair um público mais diverso ou “diferente” para o seu grupo. Ainda existem algumas linhas que se mantêm rígidas, mas por conta da globalização e a tecnologia tornou-se difícil manter ou atrair principalmente o público mais jovem, como as crianças e adolescentes.

A *Internet* possibilita o acesso a imagens de todo o mundo, pode-se pesquisar sobre várias crenças e religiões, também conhecer as histórias do outro, se identificar, se ver nas representações. Silva (2000, p.91) afirma que “[...] como tal, a

representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder. [...]”. É por meio das representações que penso em iniciar um diálogo sobre ensino intercultural na educação, estimular, mesmo que um pouco, para que o “diferente” possa se fazer presente em lugares que antes foi negligenciado. E desta forma, afetar, mesmo que de forma irrisória, as estruturas que movem relações de poder, abrindo espaço para reflexões de forma crítica sobre a importância de entender as relações entre cultura, política, identidade e diferença. Silva (2000, p.91) assegura que “[...] é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. [...]”.

Não podemos afirmar que a educação é a única saída das desigualdades sociais dentro das relações hierárquicas de poder porque essa afirmação coloca as desigualdades de maneira individual, isolada. Uma pesquisa publicada recentemente pela Folha de São Paulo (2022), afirma que os indivíduos podem até ter o mesmo grau de escolaridade, mas aqueles que fazem parte da burguesia têm uma diferença nos ganhos até 50% maior.

[...] Os dados, portanto, sugerem que os brasileiros de menor renda ganham menos no mercado de trabalho até quando conseguem estudar mais. A discrepância também ocorre do ponto de vista racial. O prêmio salarial por cada diploma é até 50% maior para brancos e amarelos em relação a pretos, indígenas e pardos (pelos critérios de avaliação do IBGE). (GRAVAS, 2022, s/p.)

Acredito que os debates em torno das desigualdades, ou o das identidades e diferenças dentro da educação tem como maior foco buscar reflexões com um viés mais crítico e aprofundado. As instituições de ensino foram desenvolvidas por indivíduos dentro das relações de poder dominantes. Historicamente os primeiros registros do que seria a construção de algum modo de produção e de reprodução de aprendizagem foi desenvolvido da elite para a elite, com o intuito de que esses indivíduos envolvidos na classe dominante tivessem acesso aos conhecimentos. Sendo que as pessoas mais pobres não poderiam ter o mesmo acesso para que a segregação social fosse mantida e desta forma, continuasse a fixação dos mais pobres e “diferentes” em uma classificação de menor prestígio.

No início da história os indivíduos marginalizados, escravos e indígenas, tiveram acesso a alfabetização, mas que só ocorreu por interesse da burguesia, de quem tinha o poder ou acesso às relações de poder. No Brasil, surgiram os primeiros modelos de escola com a finalidade de catequização dos povos originários, o que na verdade mais favoreceu para o apagamento da história e cultura desses povos do que realmente proporcionou uma educação que possibilitasse um desenvolvimento de um pensamento crítico. Com o passar dos anos, com os conflitos e as buscas por direito à educação houve algumas mudanças para o que nós conhecemos hoje como as instituições de ensino.

Trazer reflexões e debates sobre identidade e diferença na educação, de forma crítica, é buscar um pensamento muitas vezes do pessoal, para o grupo e depois voltar para o pessoal novamente. Eu acredito que quando há aprendizagem por meio das relações sociais, o indivíduo compartilha o seu conhecimento. Nas conversas e trocas com o grupo, ele descobre conhecimentos individuais do outro ou grupo e depois volta o olhar para si. Esse trânsito abre a oportunidade de um pensamento mais crítico do indivíduo sobre ele e sobre o mundo. É evidente que existe a possibilidade desse indivíduo ficar preso no próprio “mundo”, pensamento ou ideologia, mas a executabilidade de troca e trânsito entre grupos possibilita o indivíduo a ter uma visão mais ampla e crítica sobre as desigualdades.

A educação pode não resolver os problemas complexos que determinam a desigualdade e toda sua carga histórica, política e cultural, mas promovendo reflexões e debates, a educação pode se tornar uma companheira ativa para as/os estudantes que ficaram invisibilizados por aqueles/as que os/as classificaram como tal. O contato com essas reflexões acerca das desigualdades e algumas das suas características implícitas promove o desenrolar de um pensamento crítico, podendo ajudar as/os estudantes a pensar o lugar do outro, compreendendo esse “lugar” e os vários questionamentos que envolvem as culturas e os conceitos que foram concebidos a elas de forma estereotipada. Empreender debates que procuram discutir sobre identidade e diferença também proporciona um olhar para fora do “seu” mundo, da sua cultura.

É preciso proporcionar também a compreensão dos privilégios e discutir formas de como combater as desigualdades em um processo educativo, mas principalmente

promover aprendizagens que procuram tornar os cidadãos politicamente e criticamente engajados para não se deixar levar pelo senso comum. Um indivíduo crítico não aceita tudo sem questionar.

Em uma sala de aula, o questionamento de um indivíduo pode ocorrer, por exemplo, quando o/a estudante percebe que não são utilizadas referências bibliográficas de autoras. Tal questionamento não vai abalar as relações de poder, mas pode servir como estímulo para gerar discussões e debates sobre como essas relações estão presentes dentro do contexto de cada um/a. As/os professoras/es podem contribuir conforme for se desenhando as discussões, levantar questionamentos sobre identidades e diferenças com a intenção de construir um pensamento crítico sobre como e com qual propósito os grupos culturais são classificados. Tecer reflexões sobre esses rótulos que resulta em senso comum, tornando-se naturalizados no cotidiano de maneira implícita.

### 3. PERCEPÇÕES DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CULTURA VISUAL

A Educação Infantil tem um papel importante para o desenvolvimento motor e sensorial que deságua nas construções do sujeito e na difusão do eu. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) a criança é um sujeito que,

[...] nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

A concepção do ser humano na infância como um sujeito social/pessoal e a preocupação com esse momento que todas/os passamos é determinado pelo seu contexto histórico tanto na educação quanto nas relações sociais cotidianas.

[...] Essa preocupação com as crianças ganha contornos mais específicos na modernidade com a invenção da ideia de infância, conceito amplo e ambíguo que, gradativamente, se estabelece como categoria social que identifica as pessoas de uma faixa etária. Assim, a infância passa a ser referência para um período de crescimento, um momento especial da vida que costumamos situar entre o nascimento e a puberdade. Vale ressaltar que a infância, como conceito e período, constitui-se pela trajetória pessoal de cada criança em relação com os que dela estão próximos, além de formar-se sob diferentes condições e circunstâncias culturais, de classe social, gênero, etnia, crença e outras variáveis que configuram o mundo onde ela/ele cresce e se educa. (NASCIMENTO, 2010, p.38)

Algumas reflexões surgiram a respeito de como lidar com as crianças, as suas maneiras de agir e o tempo de aprendizagem para com esse momento da vida, a infância. Esse “movimento” social e cultural, se assim pode ser chamado, manifestou em mim uma vontade de colaborar incitando reflexões sobre identidade e diferença pela ótica da educação.

As discussões sobre o *bullying* estão presentes no ambiente escolar já faz algum tempo e os danos causados podem vir tanto a longo quanto a curto prazo, isso depende de cada um/a. Alguns indivíduos podem apresentar desde a infância comportamentos relacionados às problemáticas que envolvem práticas relacionadas a preconceitos. Há desta forma, uma dificuldade de se sentir seguro para se expressar oralmente pelo medo de ser colocado em evidência e tornar-se um possível alvo para

práticas de *bullying*, sendo que o posicionamento de passividade em decorrência desse receio pode dificultar ainda mais a aprendizagem das/os estudantes.

Existem muitas vezes situações de descaso da própria instituição em que esse indivíduo está inserido, com casos de exclusão e preconceito por ser uma prática que ao longo dos anos foi normalizada dentro dos ambientes de ensino. Mas com o passar dos anos essas ações começam a ser percebidas e discutidas com o intuito de amparar as vítimas. E ainda, tomar medidas para diminuir esses atos. Não há consenso de quais ações devem ser tomadas como forma de conscientização, mas acredito que trazer temas como, no caso, identidade e diferença para o cotidiano escolar possa contribuir para que situações de práticas de exclusão possam ser amenizadas.

Comecei a compreender que se essas questões sobre identidade e diferença fossem apresentadas na infância, no decorrer do crescimento a criança poderia criar uma familiaridade para um olhar mais crítico sobre o mundo, sobre as imagens e os significados que elas carregam. Seria possível não somente buscar uma tolerância para com outras culturas e os corpos nelas representados, mas também se relacionar e aprender com através da troca, da representação através das imagens e do trânsito entre as culturas. Levando em consideração que

O ensino da arte, em qualquer nível e, em especial, na Educação Infantil, deve abranger tanto a construção de imagens como contribuir para que as crianças realizem leituras cognoscentes, conscientes e sensíveis das tantas imagens que estão aí, nos meios de comunicação, muitas vezes consumidas passiva e indiscriminadamente por elas. (CUNHA, 2012, p.17)

A criança busca através do olhar relacionar e criar percepções das coisas e sobre o mundo, por meio das imagens percebidas ao seu redor, imagens das memórias, dos desenhos, dos brinquedos, dos objetos em sua casa, dos seus familiares etc. No livro “Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem as escolas” (2010), organização de Raimundo Martins e Irene Tourinho, no desenvolvimento dos capítulos há várias discussões sobre a relação das imagens na escola, como essas imagens podem afirmar significados, de onde surgem e a relação da infância com as imagens. Nesse sentido, acredito que a/o docente precisa pensar em modos de perceber a Cultura Visual de forma crítica através da maneira de lidar com as visualidades contemporâneas. As imagens compõem grande parte das práticas

de ensino, principalmente no ensino infantil, e se elas não forem problematizadas e questionadas com as/os estudantes podem gerar ou reafirmar significados e representações errôneas do outro que é diferente de mim.

Se procurarmos no *Google* o termo “*educação infantil*” as imagens que aparecem representam crianças brancas, sendo que os desenhos dos rostos estão sorrindo e com corpos geralmente retratados em um formato arredondado, esguio, com cabelos lisos. É a representação de um imaginário pensado por adultos com a intenção de trazer uma ideia de ‘pureza’. Essas imagens podem parecer inofensivas, mas elas acabam criando um certo tipo de padrão, uma regra. Quando esse padrão não se “encaixa” em uma criança ela não irá, no primeiro momento, questionar. E com o passar do tempo aquelas imagens vão reforçar que ela precisa se encaixar para ser aceita nessa cultura. Existem ainda situações em que as/os estudantes reforçam as diferenças de forma pejorativa fazendo uso das imagens presentes no ambiente escolar e nos materiais didáticos como referência.

Refletindo sobre essas questões, me pergunto por que não pensar em imagens que possam representar os diferentes nas próprias atividades, apresentar diversidades de culturas com a intenção de trazer familiaridade visual para as crianças? Por que não usar as imagens de maneira deliberada para abrir um diálogo com as/os alunas/os sobre as identidades e diferenças? Acredito que adicionar uma pluralidade de indivíduos, seus corpos e suas culturas nas imagens usadas para atividades pedagógicas, por exemplo, seria uma maneira para exercitar o olhar para com o outro.

Acredito que a minha geração, início dos anos 2000, foi quem sabe a última a ter uma infância com pouca influência das imagens. É óbvio que a mídia já existia, mas não havia esse bombardeamento de imagens o tempo inteiro em que vivemos hoje com a chegada da *Internet*. Hoje uma grande parcela da população pode produzir imagens que ora de maneira explícita podem apresentar algum sentido com o propósito de propagar ideias, doutrinas e ideologias, ora de forma implícita, feita sem muito conhecimento e aprofundamento, mas que acaba contribuindo para reforçar narrativas que geram preconceitos e desigualdades. Tourinho e Martins (2010, p.42) afirmam que “[...] as culturas da mídia com seus personagens, imagens, significados, jargões e,

principalmente, com um modo próprio de expressar ideias e pensamentos, constrói mundos e histórias de mundos que invadem o imaginário infantil.”

Em meu pouco tempo de experiência no Estágio Supervisionado I, dentro de um ambiente de ensino formal destinado ao público infantil estagiando em uma turma de faixa etária entre 1 ano até 1 ano e 11 meses, observei que as imagens presentes na sua maioria eram para identificação de animais, frutas, partes do corpo, cores, letras e números. As imagens que ganham mais visibilidade dentro do ambiente escolar tinham o objetivo de dar sentido para as palavras. Percebi que através das imagens de animais, é possível fazer correlação com a forma para auxiliar na sua identificação, quanto com as cores presentes nas representações dos animais. O movimento de estabelecer correlações proporciona processos de aprendizagem, por exemplo, uma imagem pode estabelecer que “uma girafa tem o pescoço alongado e é amarela com manchas pretas”.

Entretanto, não é só nas instituições de ensino que as crianças consomem imagens, se tornou muito comum na contemporaneidade que desde muito cedo as crianças tenham acesso a televisão e/ou celulares e em alguns casos sem a supervisão dos seus respectivos responsáveis. Pensamento que me leva a perguntar: quais são as imagens que estão ganhando visibilidade fora das escolas? O que essas imagens estão querendo dizer? Quais são seus significados? O que estão afirmando? E ainda, como os estudos da Cultura Visual podem auxiliar nos questionamentos e discussões sobre as imagens? E mais uma dúvida: se essas imagens consumidas fora do contexto escolar de maneira concomitante com as imagens consumidas dentro da escola podem reafirmar ou criar um conceito discriminatório? São alguns questionamentos que surgem a partir dos meus estudos sobre a cultura visual e me ajudam a compreender que

[...] O papel que as imagens têm na vida cultural e, especialmente, deveriam ter na vida escolar, é colocar em cena e fazer circular a diversidade de sentidos e valores que elas geram na interação com os indivíduos. As relações entre imagem, identidade e escola suscitam discussões que questionam e desestabilizam saberes. (TOURINHO, 2011, p.6)

Assim, a cultura visual procura debater o impacto cultural que as imagens desenvolvem na vida das pessoas, procurando discutir contextos de resistência e transformação por meio das imagens do cotidiano. Através dos estudos da Cultura

Visual é possível discutir sobre as imagens presentes no nosso dia a dia e refletir, a partir delas, como são representadas as identidades e as diferenças. O cotidiano promove aprendizagens pelo fato de ser palpável e trazer aproximação para a realidade de cada indivíduo.

O que procuro com essa pesquisa é contribuir com reflexões sobre as imagens presentes nas mídias, mas com foco em um filme infantil. Minha intenção de trazer essas imagens para o contexto escolar promovendo discussões sobre como são representadas as identidades e as diferenças, pois acredito que

Ao identificar, escolher ou reconstruir experiências visuais significativas e formadoras, o aluno cria espaço para interpretar momentos ou aspectos do seu cotidiano, buscando uma compreensão de si mesmo e de experiências vividas que, desafiadoras, sofridas ou decepcionantes, podem ser transformadas em aprendizagem. (MARTINS, 2011 p. 20)

A questão é que o ensino das Artes Visuais pode trazer um certo afastamento se foram utilizadas apenas imagens de obras de artistas consagrados pela História da Arte, pois muitas vezes são imagens que podem não retratar ou aproximar os/as estudantes do seu cotidiano. É perceptível que existem artistas que retratam em suas obras uma rotina que se conecta com alguns indivíduos, por isso acredito que é preciso levantar questionamentos e desenvolver uma contextualização para que o trabalho com obras, que não sejam contemporâneas, façam sentido em nosso tempo de recepção. Logo, os estudos da Cultura Visual contribuem para pensar essas imagens do cotidiano, para promover a aproximação com o contemporâneo enquanto também questiona e levanta discussões para que a recepção das imagens não se mantenha de maneira acomodada.

Com base nas experiências publicadas no livro “Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem as escolas” e através do pensamento de Cunha (2010), Tourinho (2010) e Martins (2010) eu venho me perguntado como o ensino de artes visuais pode contribuir para que as crianças realizem um consumo de imagens menos passivo. Nesse sentido, surge um questionamento que me conduz nessa pesquisa: como um diálogo com a cultura visual pode contribuir para potencializar um ensino de artes visuais em uma perspectiva intercultural que busca aprendizagens sobre identidade e diferença na educação infantil?

Caminho tecendo reflexões amparada pelo pensamento de Susana Cunha. No capítulo denominado “As infâncias nas tramas da Cultura Visual”, Cunha (2010) apresenta um pouco da sua trajetória na Educação Infantil e nas Artes Visuais. Ela expõe que existem diversos pontos que a levaram a pensar sobre a cultura e os aspectos da vida social levando-a até os estudos da Cultura Visual. Contudo, a sua experiência pessoal foi escolhida como propulsora para as reflexões sobre questões de diversidade, principalmente relacionadas à construção de identidade de gênero através das imagens destinadas à infância. Foi no período da maternidade que Cunha (2010) começou a analisar os vários materiais e adereços destinados à infância e como esses objetos vinham anexados com imagens que de certa forma afirmavam o que era destinado para o público infantil e sobre o que seria para “meninos” e “meninas”.

[...] Notava que bens de consumo, com seus padrões visuais estabelecidos e disseminados pelas grandes indústrias, sejam elas de entretenimento, moda, alimentação, brinquedos ou de móveis, mantinham uma uniformização estética que impossibilitaram sermos singulares. (CUNHA, 2010, p.133)

Assim, a autora afirma que dentro das instituições de ensino os padrões imagéticos são mantidos tanto nas imagens presentes nas escolas, quanto nas roupas das/os alunas/nos, cadernos, mochilas etc. No decorrer do capítulo Cunha (2010) afirma também que a conduta dos/as educadores/as também afirmavam significados quando destinavam figuras de carros para meninos e de bonecas para as meninas. E que presenciou diálogos onde repreendiam aqueles/as que por sua vez tentavam sair do padrão da cultura hegemônica e os orientava novamente para o que seria de “menino” e “menina”.

Cunha (2010) apresenta suas considerações sobre a infância e a cultura visual para posteriormente expor brevemente sobre sua pesquisa efetuada em campo juntamente com os resultados, consequências e considerações finais. Ela explica que

Como pesquisadora no campo da infância e cultura visual, reivindico o papel das crianças como protagonistas das pesquisas e reflexões, no sentido de procurar decifrar territórios infantis, a partir das suas falas, pensamentos, ações e representações. (CUNHA, 2010, p.141)

Se tratando de pesquisa com ações em campo e contato direto com indivíduos, há uma orientação, feita para as/os docentes, que se deve observar o cotidiano escolar com atenção. E a partir dessa observação do cotidiano propor alguma ação educativa

com o intuito de refletir e problematizar aspectos da vida social do ambiente escolar sem implicar em juízos de valores. Sendo a intenção, como Cunha (2010) confirmou anteriormente, decifrar territórios infantis.

Foi em decorrência dos comentários das estagiárias, presentes na instituição de ensino destinado ao público infantil, que Cunha (2010) começou a prestar atenção nos desenhos feitos pelas crianças e o que estava representado naqueles desenhos como o imaginário infantil. Segundo Cunha

[...] Nesta pesquisa, houve a tentativa de refletir sobre como as construções dos significantes/significados, no desenho infantil, estão imbricados com as interações das crianças com a cultura visual contemporânea e com os significados que as crianças atribuem aos seus mundos. Nossa intenção foi a de examinar como as representações visuais infantis se constituem nos intercâmbios culturais partindo do pressuposto que “o pensar e o sentir são em si “sistemas de representação”, em que nossos conceitos, imagens e emoções “significam” ou representam, em uma vida mental, coisas que estão ou possam “estar lá fora” no mundo. (2010, p. 148 *apud* HALL, 1997, p.5)

Nesse ambiente de ensino em que a pesquisa foi realizada foram examinadas as diferenças na representação dos desenhos, como o uso em relação ao espaço de ocupação dos desenhos e as cores. Cunha (2010) afirma que os desenhos dos meninos apresentavam artefatos culturais advindos do cotidiano de cada criança. Nos desenhos dos meninos havia mais movimento e cores escuras, e nos das meninas flores e cores claras (principalmente o rosa). Os artefatos pessoais como as vestimentas, as mochilas, os cadernos, estojos etc., também foram observados e seguiam os mesmos padrões.

Logo, a intenção da pesquisa foi questionar os padrões de “masculinidade e feminilidade” representados nos desenhos e de certa maneira reforçada a partir do que era consumido fora e dentro da escola. Cunha (2010) afirma que

[...] Nessa pesquisa, de caráter participativo e formativo, elaboramos uma série de ações pedagógicas e materiais didáticos com imagens para provocarmos discussões juntos às crianças e às professoras, pois a nossa intenção era questionar, problematizar os olhares em relação às imagens que estão “colocadas” na infância. A metodologia da pesquisa consiste em observações do cotidiano escolar e em situações pedagógicas desenvolvidas pelas professoras e pesquisadoras. (CUNHA,2010 p.153)

Durante a pesquisa, foram entregues às crianças por Cunha (2010) imagens que mostravam apenas a parte superior de personagens que elas já estavam acostumados

a interagir no cotidiano. Em contato com as imagens foi indagado pela pesquisadora às crianças o nome de cada personagem que aquelas figuras estavam retratando. Se eram “homens” ou “mulheres”, quais eram as suas qualidades e características. Todavia, as imagens tinham sido modificadas do pescoço para baixo, criando figuras híbridas e quando foram expostas para as crianças houve uma surpresa enorme. Cunha (2010, p.154) expõe que “[...] diziam que aquilo era mágica! As crianças se questionavam sobre como o Salsicha poderia ser o Homem Aranha ou como as princesas poderiam ser as Meninas superpoderosas, pois as princesas são delicadas e as Meninas Superpoderosas são fortes”.

Os desenhos começaram a ser observados devido às várias situações apresentadas para a produção das imagens, sempre com a intenção de provocar discussões sobre gênero e no decorrer da pesquisa as ações e os materiais foram deliberadamente produzidos e reelaborados conforme o seu desenvolvimento. Cunha explicita que

Optamos por uma análise, a partir de uma abordagem descritiva interpretativa, isso quer dizer que muito mais do que uma descrição dos acontecimentos, ocorridos durante a pesquisa, buscamos entender esses acontecimentos/vivências em seu contexto. (CUNHA, 2010, p.155)

A partir dessas ações com as imagens observou-se que as crianças faziam poucas distinções entre o que era de “menino” e de “menina” enquanto brincavam de forma espontânea. Mas quando estavam em contato com os símbolos do imaginário infantil como Batman e Cinderela, as crianças colocavam-se numa posição binária. Durante o diálogo com as crianças foi possível compreender que as meninas costumavam ser mais flexíveis que os meninos em relação aos seus posicionamentos e que a grande maioria considerava quem está fora dos padrões sociais como “monstros”.

Ao ler o texto de Cunha eu pude perceber que quando as crianças participam de propostas de ações pedagógicas que desestabilizam certezas, como no caso desta pesquisa, sobre o que é ser de “menina” ou de “menino” as crianças mudaram, parcialmente, seu modo de ver. O contato com imagens da cultura visual presentes no cotidiano das crianças, ou seja, imagens que elas já consomem e que gostam tornam a prática das atividades pedagógicas mais prazerosas para as crianças e estimulam um

diálogo com as/os professoras/es. Não se busca descartar o uso das imagens do cotidiano, pois há uma certa intimidade com essas imagens, então podemos nos apropriar delas e buscar ressignificar as significações já existentes. Levando em consideração que

No terreno da infância, percebemos que as crianças são mais suscetíveis aos encantamentos das pedagogias da visualidade da cultura popular, pois é esta cultura do prazer, do desejo e da satisfação que elas vivem. Portanto, não se trata de afastá-las das produções culturais contemporâneas, mas disponibilizar e fazer com que experienciem repertórios culturais variados. (CUNHA, 2010, p.157)

O relato das experiências na pesquisa de Cunha (2010) refletem sobre questões de gênero, esclarecendo que neste momento, no que se diz respeito à faixa etária, as crianças já estão envolvidas e compreendem padrões de heteronormatividade. A autora elucida que em situações ‘espontâneas’, onde estão brincando, aprendendo e imaginando, no mundo com significados atribuídos por adultos, esses padrões ficam “de fora” e só reaparecem quando as imagens com estes significados de gênero voltam à tona. Para além de uma representação que desestabilize esses padrões e os questionamentos levantados fazendo com que seja possível exercitar um pensamento crítico, há também um elemento importante para possíveis mudanças que é a continuidade. Cunha (2010) aponta que a continuidade nas atividades e nas reflexões, dentro da pesquisa realizada com crianças da Educação Infantil, mudou alguns comportamentos.

Essa pesquisa realizada por Cunha (2010) e que comento nesse texto me mostrou que é possível levantar discussões sobre o mundo imagético com o público infantil sobre identidade e diferença. Através de imagens apresentar diversidades de culturas e seus corpos, levantar discussões sobre as diferenças com o intuito de desmistificar alguns significados errôneos e preconceituosos sobre o outro ou “aquele que é diferente de mim”, podendo contribuir um certo lado crítico para o consumo das imagens, levando isso para fora da escola em outros contextos sociais.

Compreendo que as imagens da Cultura Visual acabam por reafirmar e contribuir para o desenvolvimento e compreensão das identidades de cada indivíduo. Sendo que busco através dos estudos da Cultura Visual uma maneira de poder questionar os

padrões culturais da hegemonia fazendo o uso das próprias imagens contemporâneas destinadas ao público infantil na Educação Infantil. Acredito que através de uma perspectiva intercultural será possível promover debates e trânsitos, dentro dos conhecimentos que cada criança possui, a partir das diferentes perspectivas culturais com que cada criança dialoga. E nesse sentido, promover aprendizagens através das trocas de experiências do cotidiano com a intenção de compreender que existem vários “diferentes”.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E DE ENSINO

A partir das referências bibliográficas, reflexões e os vários questionamentos que surgiram durante o período de meus estudos na realização dessa pesquisa uma questão foi me orientando durante os procedimentos metodológicos: como um diálogo com a cultura visual pode contribuir para potencializar um ensino de artes visuais em uma perspectiva intercultural que busca aprendizagens sobre identidades e diferenças na educação infantil?

Uma pesquisa que se constituiu como bibliográfica com base em referências teóricas que já foram realizadas, analisadas e publicadas que procura atender às normas para o desenvolvimento dos projetos dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) delimitadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG). Como é um projeto que não foi submetido para análise e avaliação das implicações éticas, na construção das abordagens metodológicas para a pesquisa não apresenta coleta de dados com pessoas, pois não será realizada uma ação educativa com crianças na escola.

Nas reflexões para construção dos procedimentos metodológicos para pesquisa, a partir das leituras orientadas e leitura do livro já mencionado, tive contato com a dissertação de mestrado do autor Pablo Sérgio denominada “*Birdman*, educação da cultura visual e a diferença cultural” (2011). O autor elabora o seu pensamento através de uma propaganda da Coca-Cola. Com a propaganda ele discute sobre diferenças culturais. De forma resumida a propaganda expõe a ideia que todos que tomam da mesma garrafa acabam pegando para si uma característica do outro que no fim apresenta-se seres híbridos com diversas particularidades.

A partir dessas reflexões advindas da propaganda, Sérgio (2011), expõe algumas perguntas/inquietações norteadoras para as reflexões para dar andamento na sua pesquisa. Seu objetivo é, além de coletar informações dos/as colaboradores/as da sua pesquisa, promover uma discussão entre alguns autores e autoras dos estudos da cultura visual e dos Estudos Culturais para construir suas próprias compreensões sobre diferenças culturais. Estar em contato com a dissertação de mestrado do Sérgio (2011) me fez pensar na possibilidade de utilizar um filme, desenho ou curta para servir

de base imagética. Imagens que fazem parte da cultura visual e que me dessem subsídios para falar sobre identidade e diferença em uma perspectiva intercultural.

Através das leituras venho compreendo que a cultura visual contribui para construção de reflexões críticas sobre os assuntos presentes na contemporaneidade. Seu caráter transdisciplinar, com foco nas variadas visualidades presentes, acaba por perpassar em práticas culturais. Pensando nas diferenças de pessoas e culturas e a elaboração de proposta para o ensino de artes visuais em uma perspectiva intercultural, lembrei de um filme que é uma animação destinada ao público infantil, que eu gosto muito e me remete as minhas memórias afetivas: “Como treinar o seu dragão”<sup>4</sup> (2010) produzido pela *DreamWorks Animations*.

A partir das reflexões e estudos gerados pela pesquisa, desenvolvi uma proposta educativa para que no futuro possa contribuir com a comunidade docente no que se diz respeito a um ensino de artes visuais na perspectiva intercultural sobre identidade e diferença. Com o intuito de tornar a construção de uma proposta educativa possível e acessível terei como base os estudos da cultura visual que, “[...] vêm tensionando, discutindo, propondo como ferramenta analítica para pensarmos a vida contemporânea, a visualidade e a potência das imagens na constituição das formas de saber, poder, conhecer e formular “realidades”. (CUNHA, 2019, p.186).

#### **4.1 O filme: “Como treinar o seu dragão” como artefato metodológico de ensino.**

O enredo de “Como treinar o seu dragão”<sup>4</sup> aborda a diferença do personagem principal, Soluço, para com o resto do povoado dos *Vikings*, que é seu lugar de nascença, e as dificuldades que ele enfrenta por causa do seu jeito de pensar e agir. Ainda mais por estar na linha de sucessão para chefiar o povoado. Os *Vikings* são apresentados como um povo corajoso em campos de batalha, porém o personagem principal tende a preferir ler e construir objetos. Soluço é representado como sendo

---

<sup>4</sup> “Como treinar o seu dragão” é uma animação de fantasia, o primeiro filme de uma série, baseado no livro de Cressida Cowell, *How to train your dragon*, 2003. O filme foi dirigido por Chris Sanders e Dean DeBlois a partir do roteiro de Will Davies, Sanders e DeBlois, contendo 1h28m de duração.

uma figura mais quieta e sem manejo para lutar e "caçar dragões". Os dragões, são apresentados como seres cruéis que precisam ser exterminados (Ver Figura 2), mas que em um momento reflexivo podem ser relacionados à figura do outro que é diferente de mim ou da maioria. Na tentativa de se adequar aos costumes do seu povo, o personagem Solução acaba capturando um dragão (Ver Figura 1), denominado Banguela, no esforço de mostrar para seu povo que ele também era capaz de caçar dragões, tentando tornar-se parte do padrão.

Figura 1 – Estranhamento cultural



Fonte: Netflix (2023)

Figura 2 – Preconceito



Fonte: Netflix (2023)

Porém ambos se tornam amigos, a partir da sensibilidade de Solução que se permitiu conhecer uma outra “cultura” (Ver Figuras 3 e 4). Essa amizade é mantida em segredo, afinal o pai de Solução, *Stoico* (‘o imenso’), não aceitaria a amizade dos dois pois, o outro é enxergado como um inimigo. Os dragões atacam as vilas com o intuito de resgatar alimentos, mas ao interagir com Banguela, Solução descobre que todos os dragões são obrigados a dar a comida para um dragão extremamente maior, esse dragão domina todos os outros. Então, Solução entende os motivos para os atos dos dragões e eles se juntam para derrotar aquele que seria o grande causador dos conflitos entre ambas as culturas. A ação de colaboração acaba resultando em uma relação cultural e mútua entre os *Vikings* e os dragões que passam a conviver na mesma aldeia (Ver Figura 5).

Figura 3 – Conhecendo o diferente.



Fonte: Netflix (2023)

Figura 4 – Aproximação



Fonte: Netflix (2023)

Figura 5 – Inter-relação



Fonte: Netflix (2023)

Figura 6 – Inter-relação



Fonte: Netflix (2023)

As seis imagens escolhidas foram percebidas como momentos importantes para representar o que compreendo como um *modus operandi* nas relações sociais devido ao etnocentrismo, um fenômeno histórico-cultural, presente no nosso olhar quando entramos em contato com o “diferente”. A minha ideia é que esse filme, um produto imagético da contemporaneidade, além de fomentar com as crianças reflexões incitadas por perguntas em diálogo com algumas imagens, ajudem os/as professores/as de artes visuais a colocarem um foco na ligação entre identidade e diferença.

Como o enredo procura retratar o que seria diferente, selecionei alguns momentos do filme que denominei como “fases”, sendo que essas fases ilustram o comportamento das personagens frente aquilo que é diferente. Pensando a partir do primeiro contato das crianças com algo diferente, seja uma cultura, uma pessoa, um hábito, uma vestimenta, um conceito ou ideia sobre algo ou alguém que pode já ter sido preestabelecido socialmente e culturalmente, eu percebo um processo de quatro fases que podem ser identificados no filme. São elas: 1ª) sentimento de estranhamento, negação e às vezes até desprezo (Ver Figura 1); 2ª) preconceito (Ver Figura 2); 3ª) tentativa para entender e conhecer o diferente (Ver Figuras 3 e 4); 4ª)

Possibilidade de inter-relação entre as culturas (Ver Figura 5 e 6). De fato, essas fases vão se desdobrando quando nos deparamos com algo diferente. Não é uma regra, caso contrário não haveria tantas discussões sobre o respeito às diferenças.

Podemos perceber com o filme que a base como enxergamos é etnocêntrica, ou seja, temos como base apenas ‘um modelo’ de cultura como desejável. Que a construção histórica das culturas, principalmente o “outro” ou “diferente”, é cíclica, marcada por perseguições e conquistas na busca de equidade, e que ainda encontramos o crescimento de discursos e ideologias que buscam a segregação. Acredito que esse retrocesso é uma tentativa de combater as transições das culturas marginalizadas, uma tentativa de deixar fixa a identidade da cultura hegemônica.

Com base em alguns frames do filme, essas imagens que escolhi, planejei o que seria uma proposta educativa pelos caminhos que Hernández e Ventura (1998) apresentaram para a construção de projeto pedagógico. Essas imagens norteadoras compostas por momentos importantes do filme procuram constituir as fases de contato com o diferente apresentadas anteriormente. Quando falo sobre essas fases, trago ideias com base nas minhas vivências e observações e das pessoas que me cercam, como o que foi compreendido por estudiosos como sendo uma forma ainda irracional e internalizada de manter as identidades vivas, como explicou Wahba (2017).

A partir dessas imagens penso em desenvolver uma história narrada, na tentativa de tornar a proposta pedagógica possível e acessível, devido às várias realidades que as escolas enfrentam, como a dificuldade de acesso ao material. Trabalhar com algumas imagens é uma alternativa para utilizar o filme sem projetá-lo, pois é um material muito extenso, dependendo da faixa etária, para as crianças pode tornar-se cansativo e dessa forma, dificultar o trabalho de mediação. Com o auxílio da história narrada, de forma resumida em imagens, será apresentado caminhos para que as crianças compartilhem do seu próprio repertório. Vale ressaltar que caso seja de interesse das/os professoras/es, eles/as poderão mostrar o material imagético completo (filme). A lei nº 9.610/98, de 19 de fevereiro de 1998 art. 46 inciso III da Lei

de Direitos Autorais - LDA<sup>5</sup>- esclarece que o uso exclusivamente educacional não configura ofensa ao direito autoral.

#### **4. 2 Uma proposta didático-pedagógica para o ensino de artes visuais.**

A elaboração de projetos com crianças da Educação Infantil, pode levantar reflexões que promovam um ensino intercultural abrindo a possibilidade de uma observação mais individualizada de cada estudante. Com base no pensamento de Fernando Hernández e Montserrat Ventura (1998) o objetivo não é apresentar um modelo passo a passo a ser seguido, do que o autor e a autora consideram como “projeto”, mas desenvolver ações que propõem a participação dos/das estudantes e que irá depender da mediação. O/a professor/a de artes visuais a partir do diálogo com as crianças irá pensar em maneiras para dar continuidade ao projeto sempre pensando no foco pretendido. Porém eu considero que será preciso a criação de um índice, que é uma maneira de evitar que as crianças se percam, não deixando de observar e acatar a tomada de decisão delas através de um tema ou talvez um objeto apresentado. O autor e autora alertam que

[...] Não se podia apresentar o resultado de um Projeto, o que parece no dossiê final dos alunos, pois era apenas uma parte do que tinha acontecido em sala de aula, e, portanto, constituía uma imagem parcial do interesse global de aprendizagem do Projeto. O importante é o processo de tomada de decisões, o que foi acontecendo na classe, como refletiu e atuou cada um, e como os alunos foram trabalhando”. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 93)

Ciente que é necessário um processo de tomada de decisões, penso em desenvolver um projeto partindo dessas imagens do filme. Compreendo que é preciso dar ênfase no processo e observar como as crianças vão reagir, ouvindo atentamente suas falas e inquietações que partem do cotidiano. De acordo com Hernández e Ventura (1998, p.94) “[...] o Projeto [ou atividades pedagógicas contínuas] é, em última instância, uma desculpa para que o aluno realize sua própria aprendizagem”. Sendo

---

<sup>5</sup>A citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

que no desenvolvimento de um projeto é possível que em coletivo as crianças expressem o que já foi aprendido e troquem aprendizagens, possibilitando uma aprendizagem continuada.

Hernandez e Ventura (1998) propõem um momento de retomada para assegurar-se de que foi compreendido o que foi proposto ou não, pelo fato da existência do é chamado de índice. De maneira simplificada, seria o que se procura com a atividade e aquilo que é descartável para não fugir do foco, desta maneira o/a professor/a pode observar se há crianças que precisam de um reforço particular para a compreensão.

Após as leituras criei quatro etapas em relação ao objetivo dessa proposta para desenvolver um projeto com crianças, de quatro anos a cinco anos e onze meses, que se constituirá a partir de reflexões sobre identidade e diferença para o ensino de artes visuais em uma perspectiva intercultural. As etapas são:

ETAPA 1 - Para a elaboração do que se entende como índice é necessário primeiramente a exposição da história narrada em conjunto com as imagens escolhidas. Na representação das imagens, os dragões são apresentados como diferentes dos *Vikings*. A história parte da visão do personagem Solução, o *Viking*. Já que a imagem da personagem Solução é uma representação que “visualmente” é semelhante com a das crianças, será um momento para conversar sobre o que seria uma ideia do “eu”, utilizando um vocabulário e exemplos mais próximos da realidade das crianças. É inegável que a representação do personagem Solução não representa todas as crianças e essa questão será introduzida para discussão também. As reflexões sobre o que é diferente serão iniciadas a partir da imagem do dragão, pois aquele que é compreendido como diferente no filme é representado nas imagens pelos dragões. Através das imagens, durante o desenrolar da história que o enredo foi apresentado anteriormente, será o momento para levantar alguns questionamentos para crianças para melhor compreensão do que seria identidade e diferença, tal como: Vocês se acham parecidos com quem? Solução, o dragão, Banguela? O que vocês tem que é igual ao personagem Solução? Com que pessoas o personagem Solução convive? Vocês também moram com outras pessoas? As muitas perguntas incitam o diálogo e é uma tentativa de fazer uma alusão a ideia de comunidade para criar uma aproximação

com o cotidiano. No momento de observação das imagens o/a docente poderá introduzir também um repertório próprio das artes visuais.

ETAPA 2 - Observar e anotar o que é classificado a partir das falas do que as crianças entendem sobre identidade e diferença, sendo importante considerar todas as falas sobre o assunto, podendo tornar-se um dos momentos de reflexão para a desmistificação caso ocorra alguma fala preconceituosa.

ETAPA 3. A solicitação de um trabalho seria um bom caminho para que o/a professor/a compreenda o que cada criança entende sobre o eu, aquilo que ela é, e como se identifica com o que é diferente dela. Então, pode ser proposto para as crianças que realizem um desenho sobre o que elas imaginam ser diferente delas, pois a observação dos desenhos pode ajudar no entendimento do que cada criança imagina ser diferente dela. Através dos desenhos perguntar: o que tem nos seus desenhos que não se parece com você? Nesse momento as crianças podem reforçar o que entendem como diferente e o diálogo dependerá dos desenhos e de como a turma vai reagir ao que foi proposto. Acredito que durante esse processo as crianças podem compreender, mesmo que ainda de forma abstrata, o que é classificado como diferente. Para poder criar maior profundidade sobre essas questões torna-se necessário tentar descobrir com as falas e ou nos desenhos o que elas têm interesse de aprender em relação às identidades e diferenças. Até esse momento ainda pode haver uma vaga ideia do que está sendo abordado, por isso é preciso estar atento/a a alguns possíveis exemplos dados pelas crianças.

ETAPA 4. A partir do diálogo criado com as imagens e a anotação das falas das crianças sobre a compreensão de quem é cada um/a e o aquilo que cada um/a não é (diferente) e das observações sobre o que as crianças sabem ou não, será possível criar um índice para dar continuidade ao projeto. O índice serve para que o/a docente possa nortear os estudantes durante o processo do projeto, percebendo que houve participação (estudantes) e quais as mudanças que vão acontecendo no decorrer dos diálogos acerca do filme, como no proposto nesta pesquisa. É importante que o índice fique coeso e exposto para que se necessário o/a professor/a retorne o índice com o propósito de reforçar o que foi já foi discutido e escolhido como tema de estudo com as crianças. Para o/a docente o índice é interessante pois ali está o registro dos rumos

que o projeto levou e com o seu processo, observar o que mudou, ou se as noções sobre o tema continuam pelo mesmo caminho e se é necessário formular alguma mudança.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa procuro apresentar uma possibilidade de ensino que não foca apenas no que o/a professor/a tem de conhecimento ou sobre aquilo que foi apresentado sempre como 'naturalizado' sem possibilidades para debates e questionamentos. Uma proposta que agrega as experiências que os/as estudantes já trazem em sua bagagem e como isso pode impulsionar, enriquecer e gerar aprendizagens e se torne algo que pode vir a ser mais efetivo devido a forma como cada indivíduo aprende, percebe o mundo se vê e enxerga o outro.

Podemos observar, com base no ensino intercultural, que há uma procura em compreender todas as particularidades das/dos estudantes. A tentativa de compreender como as culturas se movimentam é plausível. Se as relações sociais e as imagens que representam as pessoas e o mundo mudam e se desconstroem e se reconstroem, as formas de aprender vão no sentido dessa metamorfose. Considerando que o que se aprende e envolve o cotidiano e as aprendizagens só se tornam possíveis nas relações entre os indivíduos.

Durante todo o tempo que passei na graduação eu pude ler e ouvir que o ensino precisava mudar, nesta pesquisa com foco no ensino das artes visuais, e eu acredito que o caminho para essa mudança seria perceber a necessidade de exercitar um olhar questionador no modo ensinar. Desenvolver ações com reflexões sobre aquilo o que cada um/a vê, consome, escuta e produz, pois é nos espaços de construção de identidades e de diferença que os sujeitos se constroem. Arte e imagem são constituídas por ideias, pontos de vista e valores, tanto universais como particulares, que se conectam nos processos de ensino. Por isso, uma perspectiva intercultural em diálogo com a cultura visual pode trazer as reflexões que buscamos quando se pensa em fortalecer um ensino intercultural com pensamento crítico, buscando ampliar uma interação com as relações e práticas sociais.

Contudo, acredito que essas questões deveriam ser incitadas já na Educação Infantil. Introduzir algumas questões que buscam trazer noções sobre o que sou e o que é diferente de mim pode permitir abrir um caminho para que pontualmente se possa discutir assuntos muito mais complexos, como sobre as questões políticas que envolvem temas de diversidade para além do “aceitar” o outro. A discussão de temas sobre inclusão, aqui chamados de identidades e diferenças, apresentados e discutidos com as crianças em ações educativas, podem contribuir para a formação de adultos políticos e comprometidos com o bem-estar social.

Ao finalizar essa pesquisa, tenho a noção de que uma pesquisa não necessariamente precisa responder à pergunta orientadora, e muito menos a cura para os meus problemas pessoais. Mas, a pesquisa, pode contribuir com reflexões para docentes que tenham interesse de abordar sobre a diversidade das identidades dentro de sala de aula e acolher algumas dúvidas pessoais. Não ousou dizer que é um tema novo, mas devemos nos atentar para que tipo de metodologias procuramos utilizar para realizar mediações com propósito de abordar temas sobre identidades e diferenças. Percebo que é preciso tomar cautela para não apresentar de forma superficial uma cultura, onde o outro pode ficar em uma posição “exótica”, como se estivesse em uma exposição.

Minha expectativa é que a proposta educativa pensada durante essa pesquisa, consiga promover aprendizagens sobre identidades e diferenças com as crianças na Educação Infantil com o propósito de atender sua complexidade. E que ainda contribua tanto para que mim, como futura professora, com o para futuros/as professores/as de artes visuais, como deflagradora para um modo de trabalhar em sala de aula tendo como base um ensino de artes visuais em uma perspectiva intercultural, que é o que impulsionou essa pesquisa

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. A multiculturalidade e os Parâmetros Curriculares Nacionais de 97/98. In: BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos.2.ed. Belo Horizonte: Editora C/Arte. 1998.p.89 – 97.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e quarto ano: Pluralidade Cultural e Educação Sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC, SEF, 1997.

Como treinar o seu dragão. Produção de Chris Sanders. Estados Unidos: DreamWorks. 2010. 1 DVD (98 min).

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. Currículo sem Fronteira, Rio de Janeiro, v. 11, n.2, p. 240-254, Campinas/SP, 2012.

CUNHA, VIEIRA da. Susana R. As artes no universo infantil. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CUNHA, VIEIRA da. Susana R. As infâncias nas tramas da Cultura Visual. In: MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene (org.). Cultura Visual e Infância: Quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: EditoraUFSM. 2010. p.131 – 157.

CUNHA, VIEIRA da. Susana R. Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (org). Para pensar a docência na educação infantil. Porto Alegre: Editora Vangraf, 2019.p.178 – 195. E-book.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. Os projetos e o processo de tomada de decisões: quatro exemplos, quatro problemas. In: HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho.5 ed.Porto Alegre: Artmed,1998. p.93 – 106.

GRAVAS, Douglas. Elite brasileira capturou até 65% dos ganhos com educação nos últimos 40 anos. Folha de São Paulo, São Paulo. 5 nov.2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/11/elite-brasileira-capturou-ate-65-dos-ganhos-com-educacao-nos-ultimos-40-anos.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2022.

HOOKS, Bell. Abraçar a mudança: O ensino num mundo multicultural. In: HOOKS, Bell. Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade.2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. p.51 – 63.

MARTINS, Raimundo. Imagem, Identidade e Escola. In: BRASIL. Cultura Visual e Escola / Secretaria de Educação Básica – Rio de Janeiro: MEC, SEB, 2011.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves. Visualidades e Infância até seis anos: versões em imagens e o desafio da educação infantil. In: MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene (org.). Cultura Visual e Infância: Quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: EditoraUFSM. 2010. p.15 – 35.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais. 2000. Tese (Doutorado em Arte e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2000. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9773834-Interculturalidade-e-estetica-do-cotidiano-no-ensino-das-artes-visuais.html> Acesso em: 18 jul. 2022.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. Birdman, educação da cultura visual e diferença cultural. Tese (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. As teorias pós-críticas. In: SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.85 –142

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

TOURINHO, Irene. Conceituação e Justificativa. In: BRASIL. Cultura Visual e Escola / Secretaria de Educação Básica – Rio de Janeiro: MEC, SEB, 2011.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Culturas da infância e da imagem: aconteceu um fato grave, um acidente global. In: MARTINS, Raimundo;TOURINHO, Irene

(org.).Cultura Visual e Infância: Quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: EditoraUFSM. 2010.p.37 – 53.

WAHBA, Liliana Liviano. A Estranheza do outro e os limites da tolerância. Janguiana: revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. São Paulo, v.35-2, n. 1, p. 5 – 12, 2017.